

## Subjetividades nas relações pessoa-ambiente no Mirante do Pão de Açúcar: reflexões sobre lugares de turismo

*Subjectivities in person-environment relationships in the Sugarloaf Mountain:  
reflections about tourism places*

*La subjetividad en las relaciones persona-ambiente en el Cerro Pan de Azúcar:  
reflexiones acerca de los lugares de turismo*

1 Cláudia R. de A. VARGAS

Arquiteta, Mestre em Arquitetura; doutoranda do PROARQ/FAU da Universidade Federal do Rio de Janeiro; professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Gama Filho; bolsista do CNPq; [claudia.rioja@terra.com.br](mailto:claudia.rioja@terra.com.br).

2 Giselle AZEVEDO

Arquiteta, Doutora em Engenharia de Produção; professora do PROARQ/FAU da Universidade Federal do Rio de Janeiro; [gisellearteiro@globocom.com](mailto:gisellearteiro@globocom.com).

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre as **diversas faces de subjetivação dos processos identificativos** que dão o **sentido de Qualidade do Lugar na Arquitetura**. Para esta discussão, trazemos um conjunto de **narrativas** obtidas após as transformações realizadas na área destinada aos serviços de alimentação no **ponto turístico do Morro do Pão de Açúcar**, como exemplo das possibilidades de **controvérsias** geradas entre os atores envolvidos, relativas às **noções de pertencimento/identificação** com o lugar. Procuramos entender as alterações ocorridas nas relações deste **coletivo**, depois da reforma realizada no local, “segundo”, principalmente, os **atores-funcionários** e buscando identificar mudanças e/ou se ainda persistiam barreiras de relacionamento. Nesse contexto, a **subjetividade das narrativas** aponta para a possibilidade de **requalificação do lugar** através de **processos de identificação** e inserção daqueles que eram “**não sujeitos**”, influenciados pela **complexidade e expansão das redes** que envolvem a **atualidade**, nas relações travadas em ambientes de passagem ou transitórios, como os pontos turísticos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Subjetividade, relações pessoa-ambiente, qualidade do lugar, lugares de turismo.

### ABSTRACT

*This paper intends to reflect on the many facets of subjectivity identifying processes that give the Quality of Place sense in Architecture. For the present discussion, we have a set of narratives collected after the transformations performed in the area intended for food service in Sugar Loaf tourist point, as an example of the possibilities generated controversies among actors involved on the notions of*

**Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas**  
**Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade**  
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

*belonging/identification with the place. We try to understand the changes in the relationships of this collective, after the reform carried out on site, "following", mainly the actors- employees and attempting to identify changes and/or relationship barriers persisted. In this context, the subjectivity of narrative points to the possibility of rehabilitation the place through processes of identification and insertion of those who were "no subject", influenced by the expansion and complexity of networks involving the actuality, fought in passing or transitional environments, such as tourist points.*

**KEYWORDS:** *Subjectivity, person-environment relationships, quality of place, tourist places.*

**RESUMEN:**

*Este artículo tiene como objetivo reflejar sobre las diversas facetas de la subjetividad de los procesos de identificación que dan el sentido de Calidad del Lugar en la Arquitectura. Para esta discusión, traemos un conjunto de narrativas obtenidas después de las transformaciones realizadas en el área destinada a los servicios de alimentación al punto turístico del Pan de Azúcar, como ejemplo de las posibilidades de controversias generadas entre los actores envueltos relativas a las nociones de pertenencia/identificación con el lugar. Buscamos entender las alteraciones ocurridas en las relaciones de este colectivo, tras la reforma realizada en el local, "siguiendo", principalmente, los actores-operarios y buscando identificar cambios y/o si aún persistían barreras de relacionamiento. En ese contexto, la subjetividad de las narrativas apunta para la posibilidad de rehabilitación del lugar a través de procesos de identificación e inserción de aquellos que eran "no sujetos", influenciados por la complejidad y expansión de las redes que envuelven la actualidad, en las relaciones trabadas en ambientes de pasada o transitorios, como los puntos turísticos.*

**PALABRAS CLAVE:** *Subjetividad, relaciones persona-ambiente, calidad del lugar, lugares de turismo.*

## 1 INTRODUÇÃO

O ponto-chave desencadeador da questão objeto desta investigação foi o conjunto de narrativas livres, obtidas durante a aplicação de entrevistas e mapas mentais, integrantes da Avaliação Pós-Ocupação (APO) realizada após a requalificação da área destinada aos serviços de alimentação (VARGAS, 2008), situada no mirante do Morro do Pão de Açúcar – RJ (figura 1).

Figura 1: Localização do objeto de estudo

Fonte: Cia Caminho Aéreo Pão de Açúcar (publicação autorizada – acervo do relatório de pesquisa).



**Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas**  
Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade  
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

Procuramos entender a complexidade das relações entre os atores presentes nas ações do cotidiano dos lugares de turismo e seus entrelaçamentos na atualidade. O foco de nosso interesse é refletir sobre essa ação na Arquitetura; isto é, refletir sobre o modo como os atores humanos e não-humanos "mobilizam, justapõem e mantêm unidos os elementos que o constituem" (LAW, 1992, s/p), gerando processos subjetivos de valorização dos sujeitos envolvidos na ação.

Nesse sentido, tomamos como base alguns conceitos da Teoria Ator-Rede (TAR). Consideramos o coletivo como um conjunto indivisível entre humanos e não-humanos; natureza e sociedade; e as associações advindas destas relações que tornam o "todo habitável" (LATOURETTE, 2001, p:346).

Na ação, tecnologia<sup>i</sup> e arquitetura – como atores não-humanos envolvidos nestas relações – assumem papel de mediadores das relações desenvolvidas com/no lugar. No coletivo sociotécnico<sup>ii</sup>, portanto, desenvolvem-se relações objetivas e subjetivas que, entrelaçadas, dão aos sujeitos o sentido de "pertencer", de indivíduo – uno - participante daquela ação e identificado como tal.

Assim, ao contrário da maioria dos estudos que tratam das relações pessoa-ambiente em pontos turísticos, o enfoque desta abordagem não está nas relações do ponto de vista do turista. Tratamos das inter-relações experienciadas pelos atores/funcionários dos operadores de serviços, na maioria das vezes caracterizados como **não sujeitos** e encobertos pelo **cenário** do lugar, conforme a configuração espacial do seu ambiente de trabalho; consideramos suas narrativas – ou traduções<sup>iii</sup> – para o entendimento das relações desenvolvidas, das noções de pertencimento e da identificação com o lugar.

## 2 OS LUGARES DE TURISMO NA PERSPECTIVA DA ATUALIDADE

Para o entendimento dessa proposição é preciso fundamentar a reflexão nas **relações de consumo e gostos**, desenvolvidos pela sociedade ocidental atual, que implicam na forma e no desenvolvimento dos ambientes turísticos nas grandes cidades. Estas relações irão justificar a necessidade de agregar novos atrativos e experiências visando à melhoria da imagem do Bondinho Pão de Açúcar, ponto turístico conhecido como um dos "cartões postais" mais famosos do mundo, devido à sua localização e características geográficas na cidade do Rio de Janeiro.

Featherstone (1995) atenta para o panorama dessa sociedade - baseado na cultura de consumo, onde o valor cultural está no acúmulo de bens e na cultura massificada, dando uma ênfase cada vez maior ao lazer e ao consumo. As cidades, como grandes centros do consumo, estão saturadas de signos e imagens e qualquer coisa pode ser representada ou transformada em objeto de interesse e atração. Os pontos turísticos de uma cidade competem pelo interesse do visitante ao lado de *shopping centers* e parques temáticos criados para atender a grande massa da sociedade de consumo. Hoje existem, portanto, no que se refere às possibilidades de experiências de consumo e lazer, características comuns entre *shopping centers*, museus, parques temáticos e atividades turísticas, que refletem a desordem cultural e o ecletismo estilístico na cidade contemporânea.

**Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas**  
**Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade**  
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

Diante destas aspirações e relações complexas, os operadores dos pontos turísticos espalhados pelas cidades do “mundo globalizado” veem-se na necessidade de criar pontos que proporcionem o consumo, com apelos visuais e estéticos que não evoquem somente aqueles outrora em destaque - aspectos geográficos, regionalidades e memória. Fatores outros, que proporcionam atrações e quereres distintos, impregnados de signos e informações, e alimentados pela justaposição sociocultural - principalmente no ocidente, gerando uma tendência à homogeneização dos grupos. Este excesso se reproduz em gostos e anseios distintivos individuais visando não somente atender as necessidades básicas humanas, mas, e principalmente, alimentar a rede de inter-relações que induz ao consumo.

Este coletivo sociotécnico se amplia com o alargamento das fronteiras dos territórios devido à aceleração das transformações e acontecimentos. Estas mudanças, expressas inicialmente na modernidade pelos benefícios e interferências introduzidos pela tecnologia e aliados aos aspectos socioeconômico-culturais, designados por Banham (1960) como a “estética da máquina”, vêm alterar profundamente as relações pessoa-ambiente desenvolvidas na área de alimentação do Mirante do Pão de Açúcar.

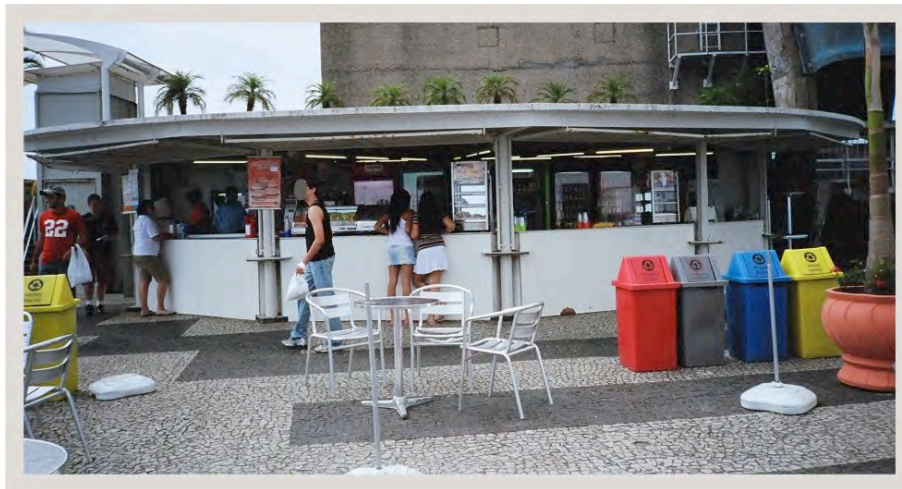
Como reflexo desse cenário, os pontos turísticos, de uma forma geral - e todo o seu *entourage*, representam **todo o lugar e lugar nenhum**, portanto não são designativos de processos identificativos de quem por eles transitam. Mas será que esses lugares estão realmente desprovidos de significantes que possam qualificá-los? Ou melhor, dentro desse contexto e com a ampliação dos horizontes e rompimento das barreiras na atualidade, como será possível entender e delinear estas redes tão complexas? E ainda, como se dão os processos identificativos e representativos dos sujeitos envolvidos na busca pelo seu próprio lugar?

### 3 A REQUALIFICAÇÃO DO LUGAR EM QUESTÃO

Para ratificar a tendência apresentada anteriormente, no caso do ponto turístico do Pão de Açúcar, visando elevar o padrão de atendimento aos turistas e melhorar sua imagem internacionalmente, a administradora do local elaborou um plano diretor que, entre outras iniciativas, visava à criação de áreas de lazer e consumo. Com essa orientação, foi destinada uma área no Morro da Urca - próxima ao espaço de eventos já existente, para uma praça de alimentação aberta, aos moldes dos *shopping centers* e dos parques temáticos espalhados pelo mundo. E, especificamente no que se refere ao ponto de venda de alimentos e bebidas do Morro do Pão de Açúcar, objeto deste estudo, a área existente destinada a este uso (figura 2) passou por um processo de reforma para requalificação do lugar.

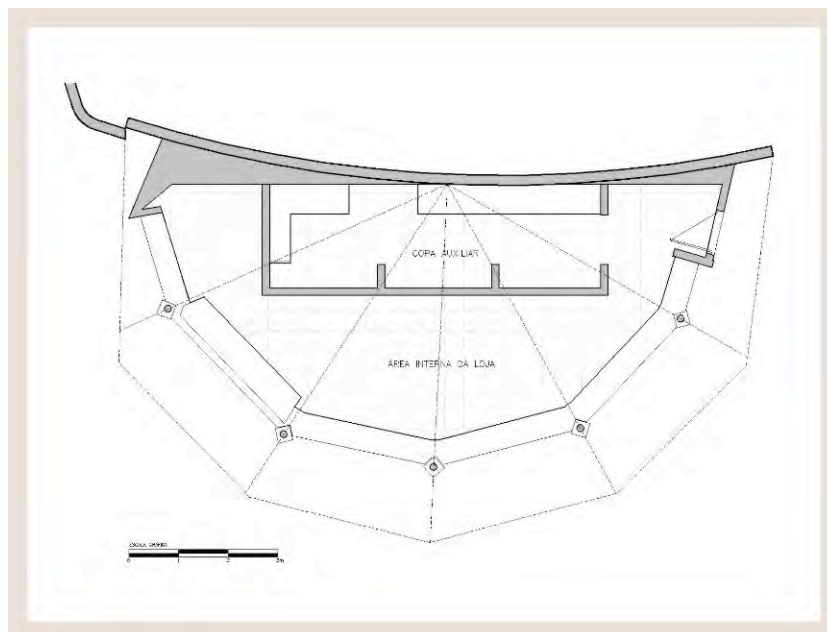
**Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas**  
**Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade**  
 Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

Figura 2: A lanchonete antes da reforma  
 Fonte: Vargas, 2008 (acervo do relatório de pesquisa).



O espaço semicircular da lanchonete, voltado para o mirante do Pão de Açúcar, estava em estado precário antes da reforma (figura 3). Não havia condições para um bom atendimento aos turistas e para a exposição de produtos; o pé-direito da edificação era bastante reduzido e havia uma notória apatia dos funcionários. Fato evidenciado pela "confusão visual" dada pelos objetos e equipamentos espalhados desordenadamente, pelo confinamento e pela iluminação interna insuficiente, que tornava estes funcionários **figuras quase imperceptíveis** entre o "emaranhado" de equipamentos existentes.

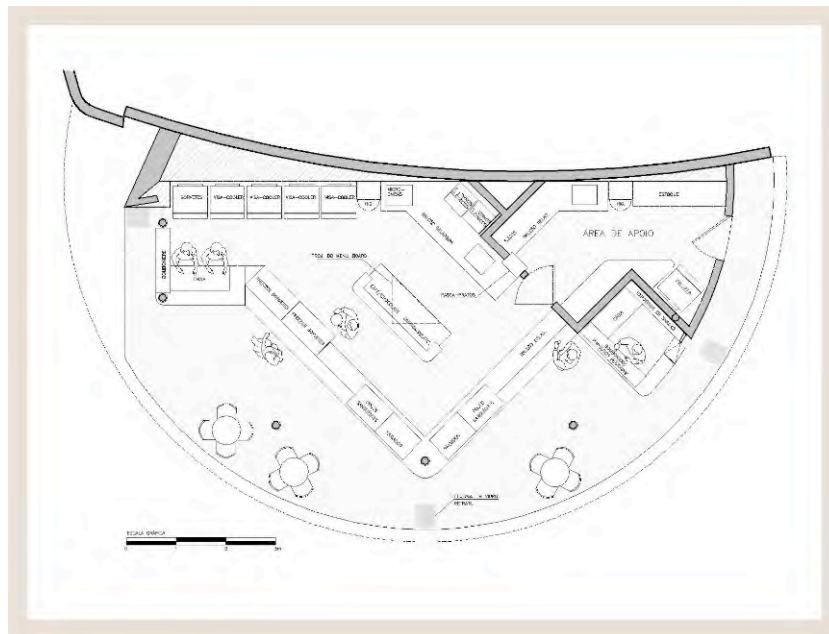
Figura 3: Planta baixa da lanchonete antes da reforma.  
 Fonte: Vargas, 2008 (acervo do relatório de pesquisa).



**Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas**  
**Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade**  
 Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

Para o projeto de arquitetura (figura 4), diante das expectativas apresentadas e das condições do local, foram tomadas como premissas fundamentais: (a) integração dos ambientes e equilíbrio entre níveis de iluminação e luminâncias externos e internos; (b) modificação do conceito de atendimento - oferta visível ao turista e setorização de produtos; (c) concepção de uma iluminação para a valorização da loja e do mirante no período noturno - previsão de uma iluminação que, além de favorecer e atrair o público para as atividades no mirante, não interferisse na contemplação da vista noturna da cidade; (d) maior abertura do espaço para circulação de ar; (e) utilização de parte da área coberta para circulação de público; (f) criação de painéis retráteis em vidro no perímetro do quiosque, para possibilitar, além do fechamento noturno, a utilização dos clientes em dias frios e chuvosos; (g) utilização de cobertura vegetal sobre a laje de teto para permitir melhor condicionamento térmico e integração da construção com os platôs de acesso.

Figura 4: Planta baixa da lanchonete após a reforma.  
 Fonte: Vargas, 2008 (acervo do relatório de pesquisa).



Assim, o projeto de reforma foi concebido com o objetivo de atender as premissas anteriores e, principalmente, buscando a valorização das alterações propostas do novo *layout* com o aumento do campo visual da área interna (figura 5).

**Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas**  
**Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade**  
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

Figura 5: Vista externa após a reforma  
Fonte: Panrotas apud Vargas, 2008 (acervo do relatório de pesquisa).



Após a requalificação do Lugar, procuramos entender as alterações ocorridas depois da reforma, “seguindo” principalmente os atores-funcionários, para identificar mudanças e/ou se ainda persistiam barreiras de relacionamento. Esta escolha foi baseada na heterogeneidade e interesses distintos dos atores, buscando trilhar o “caminho dos fundos”, à procura de confrontações. Os instrumentos utilizados usualmente nas APOs serviram como porta-vozes das narrativas produzidas no Lugar, apresentando os aspectos subjetivos e objetivos que envolvem esta rede de relações e seus entrelaçamentos.

Cabe esclarecer que aqui não foram mencionados os aspectos relativos à qualidade da execução e acabamentos da obra, exceto os que implicaram diretamente nas condições de bem-estar dos usuários. Também não foram citados outros aspectos integrantes do relatório de pesquisa referente a essa APO (VARGAS, 2008), por não serem considerados pertinentes à reflexão proposta neste artigo.

No percurso à deriva foi possível perceber a significativa transformação ocorrida nas relações pessoa-ambiente; a grande diferença no contato entre funcionários e turistas, facilitado pela nova configuração espacial e pela boa exposição e visualização dos produtos. Em paralelo, o ambiente parecia ter ganho “vida”, tanto na área interna, como pela movimentação dos turistas, que na chegada encaminhavam-se diretamente à lanchonete, que recebeu uma nova denominação - cafeteria.

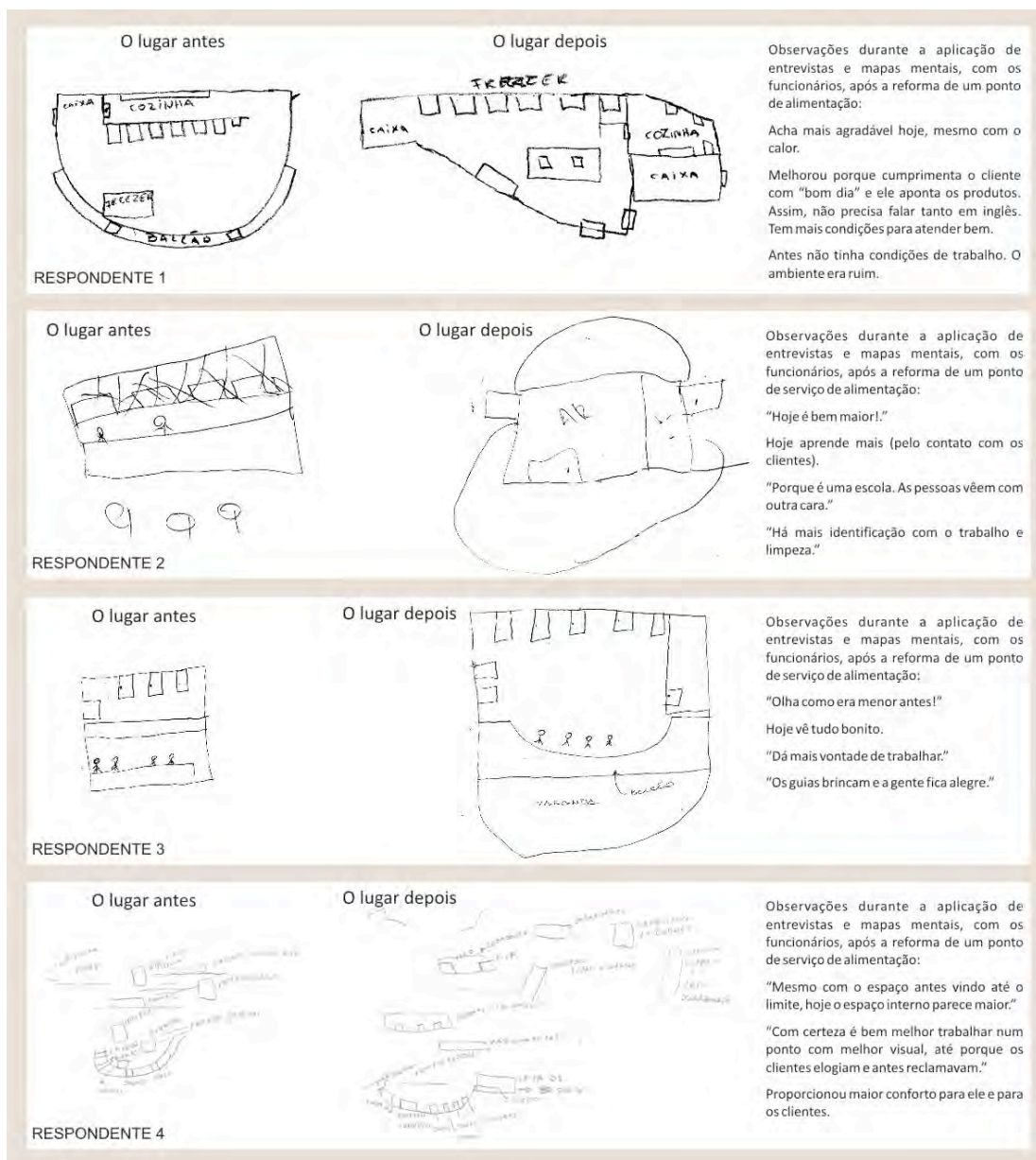
Houve uma disposição muito grande por parte dos funcionários, principalmente daqueles que trabalhavam no local antes da reforma, em relatar as impressões sobre o seu ambiente de trabalho. Apesar das reclamações quanto ao desconforto térmico do ambiente, as narrativas evidenciaram a satisfação com as novas condições de trabalho. As entrevistas foram realizadas no mês de janeiro, sob o calor intenso do verão, e o problema da incidência da radiação solar, direta e refletida pela formação rochosa acima do mirante, persistiu mesmo após a obra. Ainda em relação ao conforto térmico, algumas das soluções contempladas no projeto de arquitetura não foram previstas e executadas pela equipe de engenharia (a exemplo da cobertura verde). Mesmo assim, era um problema importante a ser sanado.

Os mapas mentais associados às entrevistas, aplicados com os funcionários nesta incursão, serviram como instrumentos destas narrativas (figura 6). Além da transcrição dos relatos

**Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas**  
**Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade**  
 Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

verbais, através das entrevistas e durante a aplicação dos mapas mentais, as informações expressas em desenho complementaram as traduções. De um modo geral, todos que participaram da atividade retrataram o ambiente atual **maior** que o anterior – apesar do espaço físico, semicircular, continuar o mesmo. Os funcionários que experienciaram o ambiente antes e depois da reforma, mesmo que conscientemente informassem que a área ocupada era a mesma, quando faziam o registro a retratavam maior e com menor rigidez em suas delimitações. Ou seja, o confinamento da versão anterior da lanchonete e o baixíssimo nível de iluminação influenciaram na representação do ambiente - a versão anterior, em alguns relatos, apresentava uma configuração retangular.

Figura 6: Os mapas mentais aplicados com os funcionários  
 Fonte: Vargas, 2008 (acervo do relatório de pesquisa).





Da mesma forma, quando indagados quanto ao nível de satisfação com o novo contexto, estes funcionários fizeram algumas exclamações espontâneas que traduzem o seu relacionamento atual com o ambiente, indicando **a construção de um processo de identificação que os valoriza enquanto sujeitos atuantes no mundo:**

*"[...]porque é uma escola. As pessoas veem com outra cara. "*

*"[...] agora eu aprendo!"*

*"[...] os guias brincam e a gente fica alegre. "*

*"[...] dá orgulho do emprego!"*

#### 4 DA SUBJETIVIDADE DO CONJUNTO DE NARRATIVAS

Nesta incursão, o que se apresentou como inesperado foi a quantidade de referências comuns, subjetivas, alusivas à associação das alterações espaciais, relacionadas com a inserção e a identificação desses indivíduos em um meio multissocial.

Ao dar "voz" a estes atores, tratando a questão das relações desenvolvidas em pontos turísticos pelo viés dos funcionários destes locais - figuras tão obscurecidas nesse contexto, que geralmente são desconsideradas nas pesquisas, o que importa é o valor intrínseco característico das expressões subjetivas que denotam a inserção do sujeito no meio distinguindo-o como indivíduo.

O comportamento observado, apático e quase clandestino destes *não sujeitos* antes das intervenções realizadas no ambiente da lanchonete, era significativo das relações travadas em lugares onde os atores, sejam eles turistas ou funcionários, são apenas figurantes da cena em curso (figura 7a). Lugares em que, pela sua transitoriedade e características, não se criam identificações ou relações positivas, mas solidão e individualidade (AUGÉ, 1994).

Após a reforma executada no local, ocorreu uma mudança comportamental expressiva com os funcionários. Pelas narrativas livres, percebemos uma mudança de status especificamente nestes atores, como se para cada um destes personagens tivesse sido dado um papel singular, distinguindo-os como indivíduos naquele contexto (figura 7b).

**Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas**  
**Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade**  
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

Figura 7: Os atores-funcionários da lanchonete - antes e depois da reforma  
Fonte: Vargas, 2008 (acervo do relatório de pesquisa).



As alterações ocorridas, mais do que permitir a estes indivíduos ver e serem vistos, fizeram com que eles experimentassem a sensação de serem vistos, de serem reconhecidos. Nesse aspecto é preciso distinguir o fato como subjetivo, na medida em que ser reconhecido não implica no reconhecimento do outro - do turista. O turista - também ator participante da ação - mantém vínculos distintos com o lugar, devido à transitoriedade das relações travadas ali (CARLOS, 2007; RAMALHO FILHO & SARMENTO, 2004). Para eles, turistas, a atuação dos funcionários não agrega significados expressivos à ação.

Consideramos, assim, que a sensação de pertencimento na atualidade não se dá mais somente na esfera do mundo vivido, regionalizado, onde o indivíduo cultiva a sua história e a dos seus, mas também se relativiza através de uma rede que extrapola a fronteira dos territórios. Para o grupo ao qual demos "voz", o processo de identificação não ocorre com o próximo, mas com o que lhe faz ser parte daquele mundo que chega a sua casa através de um "monitor". E, a partir dessa identificação abstrata, há um sentimento de inserção no mundo e de valorização do sujeito, equiparando-o àquele turista desconhecido.

O sentido da troca, pela identificação e pela diferença (SILVA, 2000), constatado nas expressões citadas - "*agora eu aprendo*"; "*porque é uma escola*" - assinala uma relação de pertencimento, de também *ser do mundo*, expressiva de uma nova concepção de relações na atualidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há como negar o saldo positivo decorrente das obras realizadas a partir da requalificação e ressignificação do lugar. Nesse aspecto é preciso ressaltar o aumento da autoestima dos funcionários através, principalmente, de uma proximidade maior no contato com o turista e da percepção que ele passou a ter da melhoria do seu local de trabalho e das condições para execução das tarefas.

Cabe, então, refletir sobre a complexidade e a subjetividade que envolvem o coletivo na atualidade; sobre outros vínculos - subjetivos - que podem ser travados diante de tantas

**Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas**  
**Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade**  
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

possibilidades que se manifestam com a ampliação dos horizontes e fronteiras, e que vão impactar diretamente nas relações pessoa-ambiente.

A concomitância de relações distintas entre atores e seus significados, demonstram a complexidade e as peculiaridades vivenciadas em um mesmo espaço/tempo características destas redes. Neste aspecto, consideramos as mídias eletrônicas como atores virtuais não-humanos mediadores destas relações. Ao contrário dos turistas, os funcionários participantes da mesma ação, no mesmo tempo, desenvolvem processos de identificação particulares, a partir do desenvolvimento de supostas semelhanças não com o seu par, mas com o *estrangeiro* - o turista – acrescentando novos significados a estes lugares.

Para finalizar, é importante destacar a Arquitetura nesta ação; a organização, distribuição e setorização de equipamentos (não-humanos) nas relações de uso e suas intermediações; ou seja, a responsabilidade e as implicações do projeto como participante-ator na configuração destas redes, em benefício das relações e entrelaçamentos desenvolvidos no Lugar.

## 6 AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio com as bolsas que contribuem para o desenvolvimento de nossas pesquisas.

À Companhia Caminho Aéreo Pão de Açúcar, pela autorização e apoio para o desenvolvimento da APO realizada em suas instalações.

À Sodexo, pela autorização para a realização da APO e disponibilização de seus funcionários para aplicação das entrevistas e mapas mentais.

## 7 REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Marc. Não lugares: introdução a uma antropologia da modernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas (SP): Papyrus, 1994.
- BANHAM, Reyner. Teoria e Projeto na Primeira Era da Máquina. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003, 3ª edição.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. O lugar no/do mundo. São Paulo: FFLCH, 2007.
- FEATHERSTONE, Mike. Cultura de Consumo e Pós-Modernismo. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- LATOUR, B. A Esperança de Pandora. Bauru/SP: EDUSC, 2001.
- LAW, J. Notes on the Actor-Network Theory: Ordering, Strategy and Heterogeneity. Paper published by the Center for Science Studies, Lancaster University, Lancaster La1 4yn. 1992. Disponível em <http://www.lancs.ac.uk/fass/sociology/papers/law-notes-on-ant.pdf>.
- RAMALHO FILHO, R.; SARMENTO, M. E. C. Turismo, Lugar e Identidade. II Encontro Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade. Indaiatuba -São Paulo - Brasil, 2004.
- SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T.(Org.), Identidade e diferença. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-102.
- VARGAS, Cláudia R. de A. Avaliação Pós-Ocupação de espaço destinado a serviços de alimentação: Estudo de Caso da Cafeteria Aroma - Morro do Pão de Açúcar - RJ, 2008. (Relatório de pesquisa)

## NOTAS

<sup>i</sup> Neste caso, principalmente as mídias eletrônicas, responsáveis pelas relações virtuais desenvolvidas entre as grandes massas no coletivo e as aproximações advindas destes entrelaçamentos.

<sup>ii</sup> “Conceber humanidade e tecnologia como polos opostos é, com efeito, descartar a humanidade: somos animais sociotécnicos e toda interação humana é sociotécnica.” (LATOUR, 2001, p:245)

<sup>iii</sup> Segundo Latour (2001), a tradução se constrói a partir de translações, articulações, delegações e deslocamentos praticados pelo encontro dos elementos da rede – seus atores humanos e não-humanos - e dos desvios/deslocamentos provocados por estas ações no coletivo.